

A IMPORTÂNCIA DO VESTUÁRIO PARA A PERFORMANCE DE DANÇA VOGUE

The importance of clothing for vogue dance performance

Okuma, Maria Rosa Sayuri Nunes; Bacharel; Universidade Estadual de Londrina, maria.rosa.sayuri@uel.br¹

Nunes, Valdirene Aparecida Vieira; Doutora; Universidade Estadual de Londrina, valval@uel.br²

Resumo: A presente pesquisa surgiu a partir da observação da crescente do cenário *Ballroom* e da dança *Vogue* nacionalmente e também nas mídias globais. Notou-se que o vestuário é contribuinte importante para esse contexto e para os performantes da dança, assim abrindo espaço para pesquisas no campo de Design de Moda sobre o tema, portanto, este artigo apresenta um estudo sobre a semiótica do tema, interligando sua relação com o vestuário.

Palavras chave: Design de moda; dança; vogue; ballroom; semiótica.

Abstract: This article arose from the observation of the growing Ballroom and Vogue dance scene nationally and also in global media. It was noted that clothing is an important factor for this context and for dance performers, thus opening space for research in the field of Fashion Design on the topic, therefore, this article is committed to carrying out a study on the semiotics of the topic, interconnecting its relationship with clothing.

Keywords: Fashion design; dance; vogue; ballroom; semiotics.

Introdução

Esta pesquisa surge a partir de um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso “Alfaiataria aplicada ao vestuário de performance de dança Voguing”, como requisito para a conclusão do curso de Design de Moda pela Universidade Estadual de Londrina. Neste artigo, objetivou-se focar em fazer análises históricas e de semiótica acerca da dança *Vogue*, estilo que vem ganhando visibilidade nos últimos anos no Brasil e mundo afora, sendo incorporado em coreografias, apresentações de shows e videoclipes de grandes cantoras pop, como Beyoncé em suas performances no *Renaissance World Tour*³, Madonna em *The Celebration Tour*⁴ e nacionalmente no clipe *Sereia*⁵, de Lia Clark e Pabllo Vittar.

¹ Bacharel em Design de Moda pela UEL.

² Doutora e Mestre em Design pela FAAC/UNESP. Docente e pesquisadora na UEL. Atua em pesquisas com ênfase na alfaiataria no resgate histórico de técnicas de construção e participação do gênero feminino na alfaiataria.

Pesquisa vinculada ao projeto de pesquisa intitulado “Alfaiataria contemporânea: desafios no design de moda” desenvolvido junto ao grupo de pesquisa da UEL.

³ Sexta turnê da cantora Beyoncé estreada no ano de 2023, na América do Norte e Europa.

⁴ Décima-segunda turnê da cantora Madonna que ocorreu entre 2023 e 2024, na América do Sul, Europa e América do Norte.

⁵ Canção que faz parte do álbum “Clark (Pt 2)” de Lia Clark, lançada em 2023.

Originado no Harlem, Estados Unidos, o *Vogue* tem raízes fortemente interligadas com as culturas negra, latina e *queer* que eram marginalizadas e oprimidas nos anos 80. A dança era praticada em *Ballrooms*, bailes cheios de pompa onde aconteciam as competições que traziam não apenas troféus para os vencedores, mas também elevavam a reputação das casas que representavam, as denominadas *Houses*, estruturas de parentesco que tinham como objetivo acolher aqueles que não tinham o amparo da família biológica (SCHIJEN, 2019).

Como pode-se notar pelo nome da dança, muitos de seus movimentos foram inspirados em poses de modelos presentes nas folhas da revista de moda *Vogue*, mas também de hieróglifos egípcios e movimentos de ginástica. Por ter essa natureza interligada à moda, o traje se torna fator importante para a performance, exigindo que se tenha atenção não só à modelagem, mas também à estética do produto.

Portanto, esse trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e de natureza exploratória. Para compreender o histórico e características do *Vogue*, da *Ballroom* e da semiótica, foram realizadas pesquisas e revisões bibliográficas se apoiando em livros e revistas e nas bases de dados disponíveis na internet.

Cultura visual

A cultura pode ser entendida como um contexto, uma ciência interpretativa, à procura de significado e que se articula através dos fluxos de comportamento e das ações sociais (GEERTZ, 1978). A cultura é fator importante para definir a visão de mundo dos indivíduos em determinada sociedade, valores morais, comportamentos e posturas corporais são resultados das operações coordenadas por determinadas culturas. Em decorrência disso, pode-se identificar diferentes origens de diferentes indivíduos devido ao seu modo de viver (LARAIA, 2001). Dessa forma, pode-se dizer que o modo como o corpo se apresenta é alterado de acordo com os fatores culturais que está inserido.

Partindo-se dos fundamentos acima, entende-se que o corpo pode servir para duas funcionalidades, como instrumento de comunicação entre indivíduos, e também atuando como a própria significação (CASTILHO, 2009). Fato é que devido à constante influência da cultura sobre a representação do corpo, o ser que o habita pode apresentar comportamentos controversos sobre ele. Castilho (2009) ressalta que os problemas se apresentam sobre o corpo “cuja imagem o impulsiona, desde o momento em que toma consciência de seu ser, a retocá-lo plasticamente de múltiplas maneiras” (CASTILHO, 2009, p.45). Ou seja, o sujeito se transforma de acordo com as imagens que deseja passar, seja por necessidade ou por vontade própria. Dentre as mais variadas formas de “plastificar” o corpo, podemos ressaltar as tatuagens, maquiagens, pinturas, cosméticos, cirurgias, mutilações, entre outros (CASTILHO, 2009).

A moda e a semiótica

Não é errado adicionarmos também a roupa como forma de modificar o corpo, pois a nudez impossibilita a diferenciação dos indivíduos, o corpo nu é genérico. De certa forma, tais adaptações corporais nascem de uma certa insatisfação com o próprio corpo, para além da adaptação em diferentes ambientes, uma forma de promover a individualização humana. É através da visão que o ser humano capta boa parte das mensagens não-verbais, podendo absorver diferentes significados e criando a necessidade de ser visto (CASTILHO, 2009). Portanto, a moda é um indispensável item de modificação corporal, pois, através da sobreposição de materiais pode-se conceber diferentes silhuetas, formas e volumes de acordo com a narrativa que se pretende construir, emanados valores relativos à sua cultura (CASTILHO; MARTINS, 2005).

É por intermédio da roupa então que adornamos nosso corpo de acordo com a estética validada pelos pensamentos coletivos presentes no meio social que estamos inseridos, determinando aspectos importantes que devem ser ressaltados, escondidos ou criados em nosso corpo. A moda então é uma mistura de diferentes códigos, “[...] cada arranjo vestimentário é fruto desse sincretismo e produz múltiplos efeitos de significações” (CASTILHO, 2009, p. 83).

O Vogue e seu público

O *Vogue* se originou no meio das *Ballrooms*, bailes criados pelas comunidades *queers*, principalmente pessoas trans afro e latina-americanas, marginalizadas pela sociedade americana. Não existe data exata para seu surgimento, mas é certo que nasceu no final do século XIX com os primeiros bailes de máscara voltados para esse público específico, onde as práticas de *Drag queen* (naquela época chamada de travestismo) estavam instauradas. É apontado que no início, havia uma presença muito grande de pessoas brancas nesses bailes e, quando ocorriam competições, os participantes negros tendiam a se “branquear” para aumentar a possibilidade de ganhar, nascendo assim a necessidade de bailes compostos majoritariamente por organizadores e participantes negros, dando origem a cultura Ballroom atual (HUGHES, 1993 apud SANTOS, 2018).

Dentro das *Balls* (abreviação de *Ballroom*), existem diversas categorias, algumas delas que fazem parte do *Vogue*. Nelas, ocorrem “competições”, que basicamente se resumem na prática do *throwing shade*, onde o participante faz gestos e movimentos debochados a fim de “insultar” o rival (CORREIA, 2022). A apresentação não depende somente dos movimentos, mas também se apoia no “servir o look”, que significa quando o participante não apenas veste uma roupa, mas traz personalidade a ela e em conjunto à dança conferem atitude para os espectadores (Portland Mercury, 2017).

Ao observar, pode-se notar que não existe um vestuário específico para a prática do *Vogue*, possibilitando variar entre itens presentes no *streetwear*, roupas curtas e justas, majoritariamente minissaias,

tecidos maleáveis e jeans. A estética pode mudar se a *Ball* possui algum tema específico (como Halloween, Carnaval, entre outros), sendo assim, o vestuário tem grande importância em comunicar mensagens que seu usuário e seu entorno pretendem transmitir.

Para exemplificar, apresenta-se um painel imagético (Figura 1) sobre o *Vogue* e a *Ballroom*. Evidencia-se o uso de tons escuros misturados com cores fortes e muitos elementos visuais aglomerados. No painel do *Vogue*, apresenta-se os movimentos da dança que envolvem o corpo todos, dramáticos e bem marcados. No painel da *Ballroom*, notamos a presença dos jurados, a ovação do público, personagens com maquiagem carregada e uso de roupas extravagantes.

Figura 1: Painéis imagéticos de Vogue e Ballroom.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Queer

Buscando melhor compreensão com o público performante de *Vogue*, faz-se necessário contextualizar o que é ser *Queer*. Esse termo pode ser caracterizado como: “[...] estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário” (LOURO, 2001, p. 546). Observa-se uma origem pejorativa, algo para agredir, discriminar e inferiorizar aqueles que são atingidos por essa palavra, que em sua maioria são os que não se identificam como heterossexuais (pessoa que se sente unicamente atraída pelo sexo oposto) ou com a cisgeneridade (identidade de gênero onde o indivíduo se identifica com seu sexo biológico). Apesar de toda a carga negativa que acompanhava essa palavra em sua origem, o público alvo desse termo o abraçou, ressignificando-o, definindo

como aquilo que é contra a hétero e cis-normatividade, “Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO, 2001, p. 546).

Semiótica no vogue

Para além da roupa, a dança também é uma maneira de transmitir mensagens através do corpo que são interpretadas a partir da cultura visual, essa que é caracterizada pela análise das imagens não apenas pela estética, mas também para compreender o papel social dessa imagem na cultura (MARTINS, 2007 apud BERTÉ, 2014). A interpretação de imagens a partir da cultura visual “se constitui como prática social que mobiliza a memória do ver, aciona e entrecruza sentidos da memória social construída pelo sujeito” (MARTINS, 2006, p. 73). Ou seja, ao interpretarmos, somos influenciados pela nossa própria bagagem social, conferindo diferentes significados para diferentes indivíduos que absorvem essa imagem.

A imagem e a arte representam um papel importante para a cultura e instituições educacionais ao articular uma diversidade de sentidos e significados, pois, diferentes indivíduos de mesmos grupos podem lidar com as mesmas imagens, mas possuir interpretações diferentes, assim estabelecendo uma certa diversidade de pensamentos (MARTINS, 2007). Sendo assim, a imagem atua como um artefato, cujo relacionamento em seu entorno é construído se apoiando em circunstâncias relacionadas ao corpo-sujeito que modificam o ato de olhar. Essas circunstâncias podem ser fatores culturais, regionais, religiosos, de gênero, entre outros, ou seja, o significado muda de acordo com o contexto em que a imagem se aplica. Portanto, é certo dizer que as imagens não possuem significados definitivos, permanentes, pois variam de acordo com seu entorno, e na dança isso não seria diferente (BERTÉ, 2014).

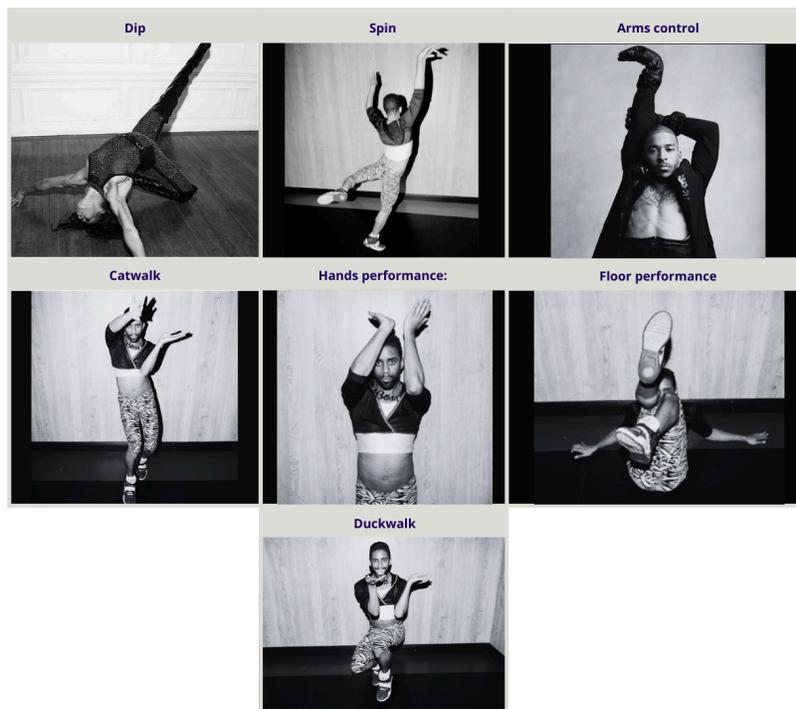
BERTÉ (2014, p. 76) exemplifica como o corpo se relaciona com o mundo a partir do trecho a seguir:” O corpo se move/age em forma de imagens [imagem-ação], pensa por meio de imagens [imagem-ideia] ao mesmo tempo que vê, cria e/ou é afetado por objetos/produtos [imagem-artefato] em seu cotidiano” (BERTÉ, 2014, p.76). As performances da dança *Vogue* são imagens-ação influenciadas pelos elementos comuns das comunidade LGBTQIA+, afro e latinas-americanas (imagens-artefato) que pensam (imagem-ideia) em transmitir sua própria realidade a fim de evitar o apagamento de suas vivências. Como imagem-artefato principal, o *Vogue* utilizou inicialmente daquela que deu origem ao seu nome, a revista *Vogue*, essa que na década de 60 era vista como a bíblia da moda, que se tornava cada vez mais acessível às diferentes classes sociais, conferindo uma certa esperança à essa população marginalizada (MAZZONE; PERESSINI, 2013). Os dançarinos transformavam as referências retiradas das páginas da revista (imagens-artefato) em paródias (Imagem-ação) sobre o mundo luxuoso da Alta Costura.

Aplicação em uma coleção de moda

A partir da análise de semiótica feita acerca do tema, foi realizado o desenvolvimento de uma coleção de moda que transmitisse a essência do *Vogue*. Para tanto, apoiou-se nas técnicas de alfaiataria e em sua estética, propondo uma dicotomia entre a elegância, sobriedade e masculinidade que a técnica transmite, contra a imagem disruptiva, sensual e libertadora da dança. O uso da alfaiataria também foi importante para propor um vestuário que se adequasse ao corpo do usuário, ao mesmo tempo que fornecia meios de acomodar os movimentos. Foi dada preferência pelo uso de materiais e aviamentos presentes na alfaiataria, mas que possuísem elasticidade, aplicando na proteção dos produtos para se adequar ao usuário na prática da realização das performances.

Sendo assim foram feitas experimentações e análises dos principais movimentos da dança (Figura 2).

Figura 2: Paineis imagéticos de Vogue e Ballroom.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Resultados

A partir das análises e etapas descritas anteriormente, obteve-se como resultado os 10 looks presentes no Plano geral da coleção (Figura 3). O mix de coleção é formado por saias drapeadas, saias com camadas de babados, shorts bufantes, *hotpants*, calças, *body's*, *cropped's* e blazers desconstruídos. Como recursos de semiótica de representação da cena do *Vogue* e da alfaiataria, foram utilizados materiais presentes no vestuário

formal, modelados com recursos para possibilitar a dança, como fendas, recortes e transpasses. As peças são ajustadas ao corpo e curtas, transmitindo uma imagem de sensualidade e feminilidade, antagonizando a imagem masculina e sóbria da alfaiataria.

Figura 3: Plano geral da coleção.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Considerações Finais

Ao estudar a fundo o contexto em que o *Vogue* está inserido, observamos que seu surgimento e sua atuação estão intrinsecamente ligados ao mundo da moda, se inspirando diretamente da revista *Vogue*. Para tal, essa ligação não é meramente estética, mas também tem como objetivo transmitir mensagens através da cultura visual, indicando os posicionamentos do usuário. Portanto, esta pesquisa pode ser validada ao se perceber que é possível, a partir da análise de semiótica do tema, elaborar uma coleção de moda, denotando uma oportunidade de desenvolvimento de produtos para um público que está em ascensão e necessita de um vestuário que seja confortável ergonomicamente, agradável esteticamente, e que o represente, não objetivando trazer uma espécie de “uniforme” para a performance do *Vogue*, mas sim trazer uma alternativa de vestuário desconstruído e com estética marcante.

Referências

BERTÉ, O. **VOGUE: dança a partir de relações corpo-imagem**. DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança, Salvador, v. 3, n. 2, p. 69-80, jul/dez. 2014. Disponível em:<<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/13338/9776>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CASTILHO, K. **Moda e Linguagem**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.

CASTILHO, K; MARTINS, M. M. **Discursos da Moda: semiótica, design e corpo**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

CORREIA, A. G. T. **Centro de cultura ballroom: A perspectiva LGBTQIA+ nas discussões das cidades contemporâneas**. Disponível em:<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/23678/1/AlissonCorreia__Artigo.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2007.

LARAIA, R.B. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

LOURO, G. L. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 09, n. 1, p. 541-553, janeiro. 2001. Disponível em:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200100020001_2/8865>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MARTINS, R. **Porque e como falamos da cultura visual?** Visualidades, Goiânia, v. 4, n. 1/2, jan./dez. 2006. Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17999/10727>>. Acesso em: 26 set. 2023.

MARTINS, R. **A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver**. In: Oliveira, Marilda Oliveira de (Org.). Arte, educação e cultura. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

MAZZONE, G.B.; PERESSINI, G. **Voguing: Examples of performance through art, gender and identity**. Tradução de Raphael Branchesi. Mantichora, Italia, v. 3, n. 3, p. 108-123, dec. 2013.

PORTLAND M. **Ballroom Glossary**. Disponível em:<<https://www.portlandmercury.com/Arts/2017/12/06/19526383/ballroom-glossary>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SANTOS, H.C. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada na área de Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SCHIJEN, S. **Uma breve história sobre o voguing, contada pela Vogue**. Disponível em:<<https://www.vogue.pt/voguing-historia-danca>>. Acesso em: 15 ago. 2023.